

GEOSABERES E PAISAGEM-TEXTO: SOBRE CAMOCIM-CE

(GEOGRAPHY AND KNOWLEDGE AND LANDSCAPE-TEXT: ON CAMOCIM-CE)

(GEOSABERES Y PAISAJE-TEXT: SOBRE CAMOCIM-CE)

RESUMO

Este artigo tem a educação geográfica como preocupação prático-pedagógica. Escrito por um professor, aluno e morador do município cearense de Camocim, tem o objetivo de problematizá-lo à luz das noções de paisagem-texto e texto-paisagem. Nesta perspectiva, realiza-se uma leitura das dimensões culturais do espaço camocinense por meio do teor de saberes e práticas escolares.

Palavras-chave: Educação geográfica; Camocim - CE; Paisagem-texto.

ABSTRACT

This article has geographical education as concerns pedagogical practice. Written by a teacher, student and resident of the municipality of Camocim at Ceará, it aims to problematize it in the light of the landscape-text and text-notions landscape. In this perspective, it carried out a reading of the cultural dimensions of space that people who live in this city through the content and knowledge of school practices.

Key Words: Geographic Education; Camocim - CE; Landscape-text.

RESUMEN

Este artículo tiene la educación geográfica que se refiere la práctica pedagógica. Escrito por um profesor, um estudante y residente em El municipio de Camocim, Ceará, pretende problematizar a la luz del paisaje-texto y de texto-paisaje. En esta perspectiva, se llevó a cabo una lectura de las dimensiones culturales de camocin em se espacio a través del contenido de los conocimientos y prácticas escolares.

Palabras clave: Educación Geográfica; Camocim - CE ; Paisaje-texto.

JOSÉ ARILSON XAVIER DE SOUZA

Doutorando em Geografia – UERJ
arilsonxavier@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Educar. Eis um termo que carrega um profundo debate, seja no âmbito da vida social, seja no âmbito escolar. Muito mais do que ensino, aprendizagem, conteúdos, metodologias e horários pré-estabelecidos, a noção de educação está relacionada com a formação integral do indivíduo. Com isso, quer-se dizer que a educação acontece dentro e fora da escola. Aprendemos e ensinamos. A família, a rua, as instituições sociais, as telecomunicações, colaboram decisivamente para a formação educacional das pessoas (MORIN, 2001).

A educação de interesse para as nossas discussões, contudo, tem a ver com a formação humana e crítica. Mais do que isso, está relacionada com práticas pedagógicas geográficas pensadas a partir do *mundo* e problematizadas por meio da escola. Considera-se a qualidade social e política do saber geográfico na vida do aluno e no processo da *aula* de geografia (SOUSA NETO, 2001). Aula que deve sim aproveitar os livros didáticos, dentre outros recursos, mas deve refletir a problematização dos geosaberes de alunos e professores para bem formar.

Este artigo compreende o espaço geográfico do município cearense de Camocim como um *texto* que se revela em paisagem. Entende que a sua paisagem pode ser lida e interpretada na condição de um texto. Acredita-se que este *modo de ver* pode trazer novas perspectivas à educação geográfica. Escritas por um morador, aluno e professor camocinense, as percepções e as ideias lançadas devem estar, portanto, impregnadas de significados pessoais – o que não denota um problema. Em acréscimo: outros, moradores, alunos, professores ou mesmo visitantes, têm o direito de enxergar Camocim por outras lentes. A propósito, outros espaços, paisagens e textos, podem ser sistematizados para análise. Salve a autonomia e a criatividade!

O artigo se divide em duas partes: na primeira, ensaiam-se reflexões sobre educação geográfica, ensino e a ideia de paisagem-texto; na segunda, tendo como referência um poema que escrevi sobre Camocim, realiza-se uma leitura das dimensões culturais do espaço por meio do teor de saberes e práticas escolares.

EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA, ENSINO E PAISAGEM-TEXTO

Educação geográfica é algo distinto de ensino de geografia, embora convergentes. O que se ensina em geografia tende a educar (REGO, 2007). A educação geográfica, por sua vez, pode ocorrer sem o planejamento formal de um ensino; inclusive, dada à transversalidade dos conhecimentos, pode ser desenvolvida por intermédio de outras disciplinas e, a depender dos contextos, pode ser direcionada por não docentes e por meios que estão longe dos domínios escolares. É verdade ainda que o momento que seria dedicado ao ensino de geografia pode ser planejado e desenrolado sob a intenção de ofertar-se uma disciplina simplória e enfadonha, indisposta a problematizar as práticas humanas, como nos alertou Lacoste (1977).

Educar, em sentido *lato*, refere-se a uma preocupação com o desenvolvimento do indivíduo. De fundamentação ideológica, a educação deve favorecer a potencialização da autonomia e da liberdade de pensamento. Quem ensina tem que compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo (FREIRE, 2011). Reportada à geografia, a educação segue na mesma direção dita acima. Deste modo, a educação geográfica contribui para o desenvolvimento das inteligências do indivíduo e aperfeiçoamento de sua autonomia, das suas competências e habilidades. O professor deve entender que ele lida, portanto, com uma “ferramenta” valiosa, uma vez que trabalha com saberes estratégicos à formação humana (LACOSTE, 1977).

Como disciplina escolar, a geografia tem a tarefa de debater e problematizar os saberes geográficos dos alunos nas mais variadas escalas. Dentre estas, a escala espacial do cotidiano – aquela das experiências práticas da vida, ou seja, da rua, do bairro, do parque, da praça, da feira, da própria escola – ainda parece negligenciada. Ali a vida acontece e o mundo se revela em paisagem. É, provavelmente, pela proximidade, a escala na qual o aluno mais se sente à vontade

para discutir. Não cabendo aqui exposição dos motivos que levam a tal negligência, o *sonho* recai sobre a ideia de uma geografia educadora, acreditando que o ensino de geografia pode ter o significado de transformar temas da vida em veículos de compreensão do mundo (REGO, 2007).

Em se tratando da prática de ensino de geografia na escola e na sociedade atual, Cavalcanti (2003) afirma que temos dois tipos de disciplina: uma prática instituída, tradicional, e outra que é uma prática alternativa. Esta segunda considera que o conhecimento é construído na relação entre aluno, professor e espaço, compreendendo a escola como espaço produtor e de comunicação entre culturas. Diante dos desafios dos docentes em seguir no movimento das práticas, reconhece-se a prática alternativa como a que melhor favorece o conhecimento cultural dos espaços vividos pelos alunos.

Segundo Castrogiovanni (2013), o ensino de geografia deve permitir-se o “movimento” incessante de se repensar. Torna-se imprescindível o compromisso docente. Repensar-se no sentido de dotar o processo pedagógico de novos significados, conteúdos, temas, metodologias e práticas. Neste desígnio, os enquadramentos sociais dos quais o ensino faz parte e os posicionamentos políticos endossados na e por meio da aula merecem ser repensados, e considerando as percepções dos alunos. Repensar a geografia *crítica* que almejamos e os seus *sentidos escolares* (OLIVEIRA, 2010).

Neste momento, parece ser necessário compreender o espaço da escola como um (sub)espaço Geográfico, ou seja, as interações que se dão no Mundo hoje acabam, de uma forma ou de outra, sendo projetadas e refletidas nesse espaço. As tensões, os conflitos e as representações sociais configuram a Escola como um ponto de (des)encontro de Histórias, de Geografias e de Sujeitos. Portanto, o (sub)espaço Geográfico Escola deve favorecer à igualdade, à liberdade de expressão, à construção do conhecimento (à textualização da vida), à autoria, à fraternidade e à valorização do desconhecimento (CASTROGIOVANNI, 2013, p. 37).

Seguindo a ideia de construção do conhecimento enquanto textualização da vida, propõe-se um ensaio sobre o estudo do espaço geográfico a partir da paisagem entendida como *texto*. A paisagem é tema de discussão de várias áreas do conhecimento. O seu entendimento é diverso e não é contemplável por uma única disciplina. A paisagem requer que a sua leitura considere distintas ordens de pensamento. Para a geografia, é considerada conceito-chave.

Entende-se a metáfora – do texto como paisagem – como vetor de qualificação e de caracterização da vida social (MAFFESOLI, 2010). Encontramos, assim, aporte nas considerações de James Duncan (2004, p. 106), para quem a paisagem:

[...] é um dos elementos centrais num sistema cultural, pois, como um conjunto ordenado de objetos, *um texto*, age como um sistema de criação de signos através do qual um sistema social é transmitido, reproduzido, experimentado e explorado. (destaque meu)

Um texto idealizado, construído, histórico, repleto de marcas sociais, políticas e culturais. Um texto situado e revelador, que tem parte do seu “conteúdo” invisível, comportando o tempo futuro e a capacidade da imaginação humana. Um texto físico-humano, com formas, funções e significados definidos pelo contexto. Um texto em plena atividade, composto de movimentos, cores, odores, sabores e sonoridades.

A paisagem aparece, assim, como uma manifestação exemplar da multidimensionalidade dos fenômenos humanos e sociais, da interdependência do tempo e do espaço e da interação da natureza e da cultura, do econômico e do simbólico, do indivíduo e da sociedade. A paisagem nos fornece um modelo para pensar a complexidade de uma realidade que convida a articular os aportes das diferentes ciências do homem e da sociedade (COLLOT, 2013, p.15).

Os parâmetros curriculares nacionais de geografia do ensino fundamental e do ensino médio (BRASIL, 1998; 1999), no que trata a leitura da paisagem, trazem explanações que se assemelham com as palavras de Collot. Com efeito, o estudo da paisagem-texto não prescinde das escolhas metodológicas do professor. A paisagem precisa ser pensada e sistematizada como objeto de investigação. De quantas páginas se faz “a paisagem-texto que se quer”? Quais *páginas* são mais relevantes para a discussão objetivada? A leitura deve seguir linhas intencionais e não pode ser superficial. Elementos e personagens podem ser valorizados ao mesmo tempo em que outros obscurecidos. Quando instigante, um texto exige a leitura de outros textos...

Seja no campo da ciência, seja no campo educacional, a geografia evoluiu na produção de imagens que permitem o estudo das paisagens da “terra dos homens” (CLAVAL, 2010). As pessoas têm acessos facilitados a um leque de imagens (“de perto e de longe”) que tratam de paisagens de interesse geográfico. É possível educar a partir desse material? Como o ensino de geografia pode tirar proveito de tal situação? Quais os riscos de tentar fazê-lo? Por quais discursos essas paisagens estão sendo significadas? Como fazer com que o aluno se sinta um agente escritor de novas paisagens-textos? As respostas a essas questões são múltiplas; equivalentes à criatividade e autonomia docente. Cabe-nos, portanto, a realização de uma alusão: as paisagens estão plenas de mensagens e indagações, e se debruçar sobre a análise desse texto é reconhecer a paisagem como um *procedimento estratégico* capaz de proporcionar uma reforma do ver, do fazer e do pensar (COLLOT, 2013).

Reformar o ver, o fazer e o pensar o mundo é papel da educação (MORIN, 2003). Reformar o ver, o fazer e o pensar o espaço é papel da educação geográfica e do ensino de geografia (VESENTINI, 1995), e a paisagem é, seguramente, um direcionamento valioso para a reforma em educação e sobre os saberes em geografia.

Aproveitando das reflexões teóricas, e instigados por um questionamento de Rubem Alves (2000) sobre para onde queremos conduzir o barco da educação, rememos até a paisagem de Camocim, no Ceará, para encontrar um texto de geosaberes.

CAMOCIM-CE: TEXTO-PAISAGEM ESCOLAR

O município de Camocim está situado no litoral noroeste do Estado do Ceará, quase no extremo com o Piauí, distante aproximadamente a 370 km da capital Fortaleza. Com uma população de pouco mais de 60 mil habitantes, ocupa uma área de 1.123,94 Km² (CEARÁ, 2010). Tem a sede localizada na margem esquerda do rio Coreaú – divisor natural do seu território –, junto à foz.

Camocim tem cerca de 60 km de costa, correspondendo a mais de 10% do litoral cearense. Possui ecossistemas diversificados de praias, lagos, lagoas, mangues, dunas, coqueirais e falésias. No seu espaço, na sua paisagem, apresenta formas simbólicas que ajudam a entender a sua história e a sua *geografia*. Formas essas que transmitem mensagens de um tempo de progresso e traduzem expressões culturais implicantemente na vida social. Reconhece-se, portanto, uma paisagem, um espaço de coprodução da natureza e da cultura.

Eis uma paisagem-texto que pode se tornar um *texto* geográfico-escolar.

Ratificando: a ideia de texto abre margem para que reconheçamos que a paisagem pode ser lida, interpretada e comunicada de diversas maneiras. A paisagem pode educar e se transformar num instrumento de ensino. Para tanto, concebamos que “a paisagem provoca o pensar e que o pensamento se desdobra como paisagem” (Collot, 2013, p.12).

As nossas discussões têm direção ao tomar como referência um *poema* escrito por mim em homenagem a Camocim. Considerando que os camocinenses identificarão melhor do que outros os pontos espaciais mencionados, reserva-se uma nota para alguns esclarecimentos da questão. Segue a composição escrita:

Camocim: um texto com sabores¹

Presente aos homens
De sabor natural
De um sem fim, beleza que o tem
Camocim, um fenômeno textual
Natureza que se oferece ao pensamento e à palavra
Texto de um futuro que não acabou e outrora que não chegou

O agora para mergulhar
Do trampolim ao farol
No Odus, camiseta reGata de canoas, carnaval
Um beijo no olho do “coró” pra turista retornar
Num agora em que a “maria-fumaça” apita e os navios estão ancorados

Um céu de brigadeiro azul não enlatado
Para melar os dedos, vou de pé à asa de Pinto Martins

Folhear páginas de água, sol e areia
Um lindo Maceió que não é de Alagoas
Folhear Barreiras, Pedra com mero e dunas com Tatajuba

Sigamos pelas próximas linhas dos pescadores mais bem letrados...

Texto pra se riscar; Pote de massinha de modelar; tempo para saborear
Rio da Serra que abraça o Mar para se emoldurar; espaço para experimentar
Livro pra me visitar; “botes” que, ao sabor da sorte, põe à mesa o mar
Dos caranguejos das quintas e feiras, ao tempero do violeiro
Do camarão que não pediu para se bronzear antes do tira-gosto alimentar

Um Lago Seco que ao contrariar o próprio nome alegre e atrai
É quando o céu chora que o “cará” do chão começa a brotar
Um Lago que tem uma bacia que anda vazia

Depois do Xavier, Barrinha com gosto de sal e Remédios pra curar
Uma Praia de Coqueiros
Marca-textos às mãos de cores Amarelas a fim de aproximar Caraúbas e Guriú

Texto que tem lagoas no Outro Lado sem ponte
Lagoas que nascem por cima e morrem por baixo e ressuscitam da lama
Uma Lagoa nomeada de Torta pra degustar
Texto bom é feito Ilha do Amor, lápis para remar

(Des)Aprender que *Das coisas sem serventia uma delas é a Geografia*
Um texto não se deve amassar; pessoas e sonhos como sopa de letrinhas
Dá[diva], De[mais], Di[ver s(o) idade], Do[CE], Du[zentas vezes daqui sessenta e quatro anos], e por
quê negar o sentimento “C” Amo “Cim”?!

Livro nenhum deveria ser de estante, mas de instantes, de “Miralago” e Mirante

¹ O poema foi publicado no site da Câmara Municipal de Camocim. Ver: <http://cmcamocim.blogspot.com.br/2015/09/camocim-um-texto-com-sabores.html>

Paisagens com fortes horizontes e que nos levam distante
Um Calçadão e o pôr-do-sol no interior do morador
Texto com um bom sabor não sai da mente, festeja-se a cada nova edição.

(José Arilson, setembro de 2015.).

Texto-paisagem imaginado em homenagem aos 136º aniversário de Camocim - CE².

Das linhas do texto (poema e paisagem), reconhecendo que outros pontos poderiam ser favorecidos, seleciono para a leitura sobre Camocim quatro temas que na minha visão apresentam possibilidades para potencializar os saberes geográficos dos alunos. A saber: porto, trem, pesca e turismo. A seleção dos temas encontra inspiração na tese de doutorado de Lenilton Francisco de Assis (2012) sobre o turismo e a questão imobiliária no território camocinense. O capítulo 3 do trabalho, especificamente, discorre sobre a temática em tela. Para efeito de estudos, consulte-se a obra.

A intenção aqui não é a de descrever ou analisar cada um dos temas. O objetivo é propor práticas escolares que agucem a curiosidade discente com relação à experiência da paisagem. “Essa experiência resulta de uma interação entre o corpo, o espírito e o mundo” (Collot, 2013, p. 40). Segundo Gomes (2013), em *O lugar do olhar*, a análise da espacialidade humana deve ser considerada como uma questão de posição, o que envolve o ponto de vista, a composição e a exposição das formas observadas.

Na tentativa de gerar certa relação da análise dos dois autores citados acima com o ensino de geografia e o estudo da paisagem, sabendo que a pauta mereceria aprofundamento, sintetizo: o estudo da paisagem no ensino de geografia deve levar em conta as percepções dos alunos, a composição do espaço e os modos engendrados para a exposição das formas espaciais observadas; deve considerar a posição e os movimentos dos corpos no espaço e a dimensão física das palavras. Desse modo, dar-se pistas para o entendimento da constituição dos geosaberes dos homens e dos alunos.

Abre-se passagem para uma leitura das dimensões culturais de Camocim guiada pelos temas que atividades humanas indicadas escreveram/escrevem na paisagem.

Dimensões Culturais e Geosaberes em Práticas

As dimensões culturais de uma sociedade marcam o espaço na forma de paisagens e são detonadoras de saberes – aqui compreendidos como geosaberes. Ao partir da reflexão de que *todo homem é geógrafo*, destaca-se que os homens possuem saberes que são tecidos junto às experiências de *habitar* o espaço. Habitar compreende o morar, o trabalhar, o visitar, enfim, o estar presente. Para além de dispor de um local para se resguardar da sociedade, habitar é também encontrar pessoas, levar uma vida social (CLAVAL, 2010). A casa, a vizinhança, o

² São praias de Camocim: Barra dos Remédios, Xavier, Maceió, Caraúbas, Ilha do Amor (Outro Lado), Tatajuba, Guriú, Coqueiros, Odus e Barreiras; as últimas três situadas na sede. São distritos municipais: Amarelas e Guriú. Cita-se ainda as lagoas interdunares e a Lagoa da Torta, essas localizadas a margem direita do Rio Coreaú, e o Lago Seco, que fica na sede. Seguem outros esclarecimentos: a) O coró é um peixe bastante apreciado no município; reza a lenda que o visitante que tomar do caldo da cabeça desse peixe tende a voltar ao paraíso encantado (Camocim) para viver um grande sonho; b) Pinto Martins, aviador cearense, conhecido por ter feito um voo entre Nova Iorque e Rio de Janeiro entre os anos de 1922 e 1923, nasceu em Camocim; c) A Pedra do Mero fica na Praia do Odus, conhecida porque se diz que ali se refugiava um grande mero (peixe); d) O pote é o símbolo do município; e) O Rio Coreaú nasce em Ibiapina - CE, na Serra da Ibiapaba, e desagua em Camocim depois de percorrer aproximadamente 180 km; f) Os botes são embarcações típicas de Camocim; g) O cará refere-se ao peixe de água doce tilápia; h) Miralago é a estrada que liga a área litorânea ao Lago Seco.

comércio, a escola, a paróquia, são espaços de habitação com os quais se tece fortes experiências e se constrói saberes.

Viver é evoluir entre paredes ou se encontrar ao ar livre. Viver é estar em contato com o meio ambiente em todos os sentidos: com a visão, a audição, o olfato, o tato. É se mover em um ambiente selvagem, cultivado ou urbanizado, é percebê-lo enquanto paisagem. As pessoas têm uma reação emotiva diante dos lugares em que vivem, que percorrem regularmente ou que visitam eventualmente (CLAVAL, 2010, p. 39).

Viver para o homem, então, é fazer e saber *geografia*. No ensino de geografia, fala-se da importância de trabalhar os saberes espaciais dos alunos. Esse é um exercício desafiador para professores e alunos. Em todo caso:

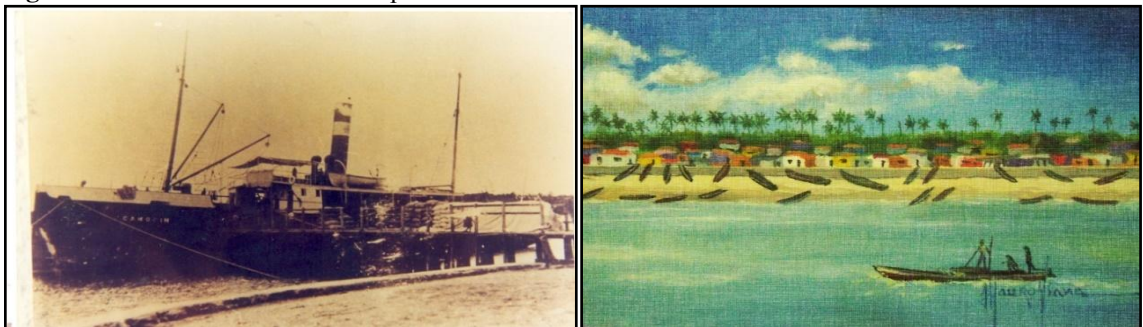
Pensar na importância e na influência do espaço, na fisicidade das coisas e na geograficidade de nossa existência é uma das grandes contribuições que a geografia pode dar. A geografia é um pretexto para pensarmos nossa existência, uma forma de “lerpensar” filosoficamente as coisas e as relações e influências que elas têm no nosso dia-a-dia, porque “olhar as coisas” implica pensar no que os seres humanos pensam delas (KAERCHER, 2007, p. 16).

Proponho, a seguir, quatro atividades práticas que visam proporcionar uma leitura do espaço fundamentada na noção de educação geográfica. Elas estão pautadas nas minhas e nas experiências docentes de colegas camocinenses. Imaginadas com ênfase no ensino médio, podem ser experimentadas e reestruturadas em outros níveis do ensino. Estão identificadas como prática textual-paisagística, adicionadas dos temas, de questionamentos, de tópicos e de direcionamentos teórico-metodológicos.

Prática textual-paisagística 1: Porto

O objetivo desta prática, a luz da noção de paisagem, é analisar a ocupação do território camocinense e a produção de seu espaço. Entende-se o porto, em relação à exploração do Rio Coreaú, como o primeiro meio de exploração comercial de tal realidade (Figuras 1 e 2).

Figuras 1 e 2: Porto em atividade e pintura de Camocim vista do “Outro lado”.



Fonte: Arquivo pessoal, Vando Arcanjo; Acervo pessoal, Mauro Viana (artista camocinense).

Questionamentos norteadores:

- Em qual século ocorreu a descoberta do território conhecido como Camocim? Qual o contexto político de colonização vivido pelo Brasil naquele período?
- Pode-se imaginar como seria o porto em seu estado natural? É possível imaginar como seria a cidade hoje se não fosse o trabalho de construção do cais?
- Quem começou a explorar o porto para fins comerciais? Naquele tempo, qual a função social do porto de Camocim para a Região Norte do Ceará?

- Quando o porto foi considerado inativo para a ancoragem de grandes embarcações e quais os motivos? Quais foram os reflexos sociais?
- É possível sonhar com a reativação do porto nos dias atuais? Por quê?

Tópico: Paisagens Ancoradas em Tela

Direcionamentos teórico-metodológicos

Associados às noções de paisagem natural e cultural, os conceitos de espaço geográfico e território podem ser problematizados no tocante ao surgimento de Camocim. O conceito de região também pode ser discutido com relação ao norte cearense e à atuação do porto.

Para a compreensão de um *agora em que os navios estão ancorados*, sugere-se um trabalho com os artistas locais que pintam a paisagem camocinense de outrora. Na oportunidade, os pintores podem ser convidados para expor suas obras, ainda que por meio de fotografias, e para falar de suas impressões e sentimentos expressos na arte. Ademais, em parceria com esses artistas, o professor organizará oficinas de pintura que privilegiem as diversas fases do porto. Torna-se interessante que cada aluno seja instigado a misturar as tintas para fazer surgir paisagens. Cumpre salientar que as “paisagens ancoradas” pelos alunos nas telas devem ser contextualizadas no tempo e no espaço dos quais se referem os questionamentos norteadores.

O professor deverá organizar um momento para dar cabo à exposição comentada das produções dos alunos. Neste ensejo, os próprios artistas envolvidos podem atuar como avaliadores das produções. Mais do que a estética, outros quesitos merecem destaque, como, por exemplo, a capacidade de contextualizar e imaginar as paisagens.

Prática textual-paisagística 2: Trem

Tal prática busca realizar uma leitura acerca da importância da ferrovia para a organização do espaço urbano de Camocim e sua ligação com outras paragens. A interdependência entre porto e trem é considerada (Figuras 3 e 4).

Figuras 3 e 4: Maria-fumaça e pintura da área portuária/estação ferroviária



Fonte: Arquivo pessoal, Vando Arcanjo; Acervo pessoal, Eduardo Souza (artista camocinense).

Questionamentos norteadores:

- Quando e com qual objetivo a ferrovia foi construída? Como se chama e por que de tal denominação?
- Qual o nível e efeitos da interdependência entre porto e trem no período áureo de funcionamento desses equipamentos?

- Como Camocim e Sobral, graças aos trilhos, se situavam na hierarquia urbana cearense daquele contexto? Qual o percurso da ferrovia?
- Quais as implicações de modernização urbana a ferrovia trouxe a Camocim?
- Quando e quais razões levaram a decadência das atividades da ferrovia? Como a cidade, no seu cotidiano, reagiu a esse acontecimento?
- Após a desativação, quais as funções o prédio da administração da ferrovia tem cumprido? Quais outras formas espaciais relacionadas ainda são perceptíveis na paisagem?

Tópico: Paisagens em Trilhos Verbais

Direcionamentos teórico-metodológicos

Espaço e paisagem são conceitos que podem ser trabalhados nessa atividade. As noções de espaço urbano e espaço rural, aproveitando o percurso do trem, podem ser explorados. O subtema economia deve ser privilegiado para a investigação do binômio porto-trem e no que concerne a situação de Camocim na hierarquia urbana cearense de tal época.

Visando o estudo do *agora em que a “maria-fumaça” apita*, propõe-se uma metodologia que parta das memórias de pessoas que viveram tal época. A própria família dos alunos pode servir como fontes de saberes para as entrevistas. Ademais, na cidade, ainda se encontram pessoas que trabalharam na ferrovia e que podem contribuir para o melhor entendimento desse quadro sócio espacial. Alunos e professor elegeriam as questões-chave das entrevistas. O desafio para o aluno está em trabalhar com saberes verbalizados pelo outro, a fim de projetar paisagens que não se encontram nos livros ou em outros meios. Neste ensejo, as formas espaciais que ainda hoje testemunham aquele período devem fazer parte das inquietações dos estudantes.

Uma “aula” deve ser estruturada para colocar os alunos na situação de agentes construtores do saber, preocupando-se com a problematização dos principais assuntos levantados. É importante assegurar a “voz” dos interlocutores, com ênfase no morador/trabalhador. O professor orientará as discussões de modo a valorizar os diversos significados da paisagem estudada. Os “trilhos verbais” dessa prática serão pensados, e (re)conduzidos, pelo professor, alunos e moradores/trabalhadores.

Prática textual-paisagística 3: Pesca

Essa prática intenciona averiguar sinais das marcas espaciais e culturais que a pesca engendra na vivência das pessoas que habitam Camocim. Os fatores econômicos e identitários são preponderantes à discussão (Figuras 5 e 6).

Figuras 5 e 6: Porto das canoas e pintura do homem pescador



Fonte: José Arilson, 2015; Acervo pessoal, Robervaldo Monteiro (artista camocinense).

Questionamentos norteadores:

- O que é pesca artesanal e pesca industrial? Qual a mais relevante – economicamente e em nível de envolvimento populacional – para Camocim?
- Qual foi o período de maior produção pesqueira de Camocim? Qual o papel assumia no cenário estadual? Quais as espécies marítimas mais representativas?
- Qual o poder de dinamismo social da pesca na vida dos moradores? Qual a relação da identidade do homem camocinense com a pesca? Como o visitante compreende Camocim a partir da pesca?
- De modo geral, quais os impactos ambientais a pesca tem causado? Quais políticas são pensadas para minimizar tais problemas?
- Quais as razões e os efeitos da decadência da pesca para Camocim?

Tópico: Paisagens em Linhas

Direcionamentos teórico-metodológicos

Paisagem e lugar podem ser sistematizados com um par conceitual para a leitura da dinâmica cultural dos espaços da pesca, seja pelo viés econômico, seja pelo viés identitário.

A fim de *folhear páginas de água, sol e areia, sigamos pelas linhas dos pescadores* para entender como “*botes*” põe à mesa o mar. Consideram-se, antes, duas dimensões: 1) a economia da cidade ainda é fortemente atrelada à pesca; 2) dificilmente se encontrará uma família que não tenha qualquer envolvimento com a pesca, o que é retratado nos espaços de vida dos alunos. Assim, orientados pelos questionamentos lançados, e com base nas suas experiências e observações, os alunos podem ser instigados a criar textos escritos sobre a atividade pesqueira. A pesca na família, o modo de vida do homem pescador, a pesca e a economia local, os impactos ambientais da pesca, a pesca ontem e hoje, dentre outros subtemas, podem ser indicados para compor as “linhas” das redações, dos poemas e das poesias de autoria dos alunos. Mais do que meros escritos, é preciso entender que estas produções podem textualizar as paisagens percebidas pelos alunos, fazendo aguçar a sensibilidade e os olhares.

Com a supervisão do professor, a avaliação dos escritos pode ser feita entre os alunos, desconsiderando-se as concepções de certo e errado. Em tom de apreciação, para se tornar significativo, esse momento deve funcionar como “espaço para se vê”. As expressões culturais diferenciadas sobre o tema devem ser celebradas como modos de interpretação da paisagem-texto.

Prática textual-paisagística 4: Turismo

A prática pedagógica sobre o turismo tem o papel de indagar o quão este *fazer* foi capaz de redimensionar os discursos políticos e as paisagens camocinenenses, revelando novas formas e conteúdos sociais (Figuras 7 e 8).

Figuras 7 e 8: Praça do pote (extinta) e pintura do calçadão com o Rio Coreau



Fonte: Arquivo pessoal, Vando Arcanjo; Acervo pessoal, Mauro Viana.

Questionamentos norteadores:

- Quando e em qual contexto o turismo começa a fazer parte do planejamento de Camocim?
- Quais as potencialidades (naturais e culturais) de Camocim para o turismo? Como é a relação com outros pontos turísticos dos arrabaldes?
- Quais as formas espaciais surgiram no espaço em nome do turismo? Quais os grupos mais interessados?
- Como os moradores locais foram inseridos na atividade e quais as suas percepções? Quais os efeitos do turismo nas demais esferas sociais?
- Como símbolos de expressão local – o pote, Pinto Martins, as lendas, o porto, a ferrovia, a pesca, os lagos e as praias, a cultura popular e as festas, a gastronomia – foram apropriados para o favorecimento do turismo?

50

Tópico: Paisagens em Cena

Direcionamentos teórico-metodológicos:

Paisagem e território são conceitos que podem orientar os estudos sobre as transformações espaciais que o turismo exerceu em Camocim e no seu curso social e político. As noções de potencialidades naturais e culturais podem ser ponto de discussão inicial.

Ao se compreender *Camocim como um texto de sabor natural, pela beleza que o tem*, entende-se que este *se oferece ao pensamento e à palavra*. Por sua vez, o turismo pode ser tido como um procedimento humano de pensamento sobre o espaço que busca se legitimar por meio de discursos e linguagens. A proposta de atividade escolar idealizada tem a intenção de colocar em “cena” as paisagens camocinenses relacionadas ao turismo. Dentre as possibilidades e recursos, seguem algumas: exposição de fotografias compostas pelos próprios alunos, pesquisa e estudo de vídeos da internet, pesquisa e estudo de jornais, produção de fotonovelas e organização de pequenas peças teatrais. Imagem e narrativa serão preocupações pedagógicas indicativas do trabalho com esta prática. Os símbolos de expressão local e as impressões dos moradores sobre o tema configuram-se em elementos que devem compor os enredos. A definição das possibilidades e recursos metodológicos, bem como os subtemas colocados em relevo e a condução das cenas para fins educativos, dirão respeito à criatividade do professor em negociação com os alunos.

Os alunos assumirão um posicionamento de protagonistas das cenas sobre as “paisagens do turismo”, seja como “fotógrafos”/expositores, seja como selecionadores e debatedores de vídeos e matérias de jornais, seja como produtores de fotonovelas, seja como produtores e atores de peças teatrais. As imagens e as narrações das cenas devem representar a realidade local, provocando as competências e as habilidades dos alunos.

As práticas apresentadas foram pensadas como mecanismos exercitadores das capacidades dos alunos de observar, imaginar, descrever, e, enfim, de textualizar as paisagens dos seus espaços de vida. Mesmo que os alunos não tenham vivido os tempos dos temas propostos, destaca-se a importância dos geosaberes em questão no que se refere ao pensar e ao agir local. Registram-se, ainda, dois esclarecimentos: 1) as ideias de tópicos e os direcionamentos teórico-metodológicos lançados para cada prática podem ser utilizados nas demais; assim o professor compreenda; 2) o fato de não ter sugerido implicações interdisciplinares não deve ser presumido como dispensa; o professor vislumbrará as possibilidades ao considerar a sua realidade docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação geográfica e o ensino de geografia tendem a se tornar mais envolventes quando levam em conta os saberes dos homens e dos alunos com relação às suas vivências e experiências espaciais. Ao se propor estudar o espaço, a geografia escolar desenvolveu uma série de reflexões teóricas e práticas para tanto. A iniciativa docente continua imprescindível. Por mais que essas possibilidades direcionem *o barco* – refere-se à educação escolar – a condução, os ritmos exercidos, as estratégias usadas para trilhar os caminhos, a ideologia e as abordagens, serão de decisão do *mestre*. Planejar é preciso! Ousar nas maneiras de navegar e se deixar surpreender não é menos.

Neste artigo, buscou-se uma abordagem em geografia escolar que propõe o estudo da paisagem como um texto. Por sua vez, o município de Camocim é tratado enquanto tal. Por meio de dimensões culturais do seu espaço, as práticas pedagógicas propostas visam uma leitura de paisagem que oportunize o *saber ver* o cotidiano. Saber no sentido de *ser* capaz, e saber no sentido de *ter* conhecimento. Nos dois sentidos, compreendo que os saberes dos homens podem traduzir as suas experiências e os seus gostos em habitar a terra – recorda-se a noção de geosaberes. Por fim, espera-se que esse artigo contribua para o movimento de (re)pensar a paisagem-texto camocinense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

ASSIS, Lenilton Francisco de. **Entre o turismo e o imobiliário: velhos e novos usos das segundas residências sob o enfoque da multiterritorialidade** – Camocim / CE. 279 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: (geografia)**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio (geografia)**. Brasília: MEC/SEMT, 1999.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Os movimentos à necessária inquietude do saber geográfico – novos desafios. **Movimentos no ensinar Geografia**. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; TONINI, Ivaine Maria; KAERCHER, Nestor André (Orgs.). Porto Alegre: Imprensa Livre – Compasso Lugar-Cultura, 2013.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia escolar e procedimentos de ensino numa perspectiva socioconstrutivista. In: _____. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2003.

CEARÁ. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE). **Perfil básico municipal (2014) – Camocim**. Disponível em: http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/perfil_basico/pbm- > Acesso em: 05 out.2015.

CLAVAL, Paul. **Terra dos homens: a geografia**. Tradução de Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.

COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Organização da tradução: Ida Alves. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

DUNCAN, James. A paisagem como sistema de criação de signos. **Paisagens, textos e identidade**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Org). Rio de Janeiro, EdUERJ, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar**: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 2013.

KAERCHER, Nestor André. Práticas geográficas para *lerpensar* o mundo, *converentendersar* com o outro e *entenderscobrir* a si mesmo. **Geografia**: práticas pedagógicas para o ensino médio. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André (Org.). Porto Alegre: Artmed, 2007.

LACOSTE, Yves. **A geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra**. Lisboa: Iniciativas, 1977.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

_____. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Sentidos da Geografia Escolar**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

REGO, Nelson. Geografia educadora, isso serve para... **Geografia**: práticas pedagógicas para o ensino médio. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André (Org.). Porto Alegre: Artmed, 2007.

SOUZA NETO, Manoel Fernandes de. A aula. **Geografares**. Vitória: n. 2., jun. 2001. p. 115-120.

VESENTINI, José William. **O ensino de geografia no século XXI**. Caderno Prudentino de Geografia (17). Presidente Prudente: AGB, Jul.1995.

Trabalho enviado em dezembro de 2015
Trabalho aceito em janeiro de 2016